

As Annas de Sant'Anna: Um Barão e Outras Histórias¹

Leticia Marques Camargo (INARRA/RJ)

Palavras-chave: historicidade, parentesco, patrimônio imaterial.

Pelo menos cinco mulheres escravizadas são mantidas em uma espécie de “harém” privado de um Barão do café, no Vale do Paraíba Fluminense por pelo menos 30 anos. Antes de falecer, no ano de 1876, este homem se apressa em assumir os 25 filhos que teve com Floriana Paulina, Manoela Agostina, Semiana Florentina, Emília Dorotheia e Geralda. Nomeando como testamenteiro o farmacêutico com quem casou a filha mais velha de seu relacionamento com Floriana Paulina, Rosina, o tal Barão de Juparanã garantiu que uma de suas fazendas, a fazenda de Sant'Anna em Vassouras, fosse herdada por suas filhas e filhos mulatos.

Antecipando a política eugenista, o Barão, que nunca se casou oficialmente ou teve qualquer relação com mulheres brancas, não esperava muito para casar suas filhas negras com homens brancos e velhos. Era inevitável que ficassem viúvas muito jovens. A rede entre as irmãs da fazenda de Sant'Anna era antes de mais nada uma questão de sobrevivência delas mesmas e de suas filhas e filhos. Estavam parcialmente isoladas em Sant'Anna, fazendo comunicação com a vila de Desengano, em Valença, por uma trilha beirando o Rio Paraíba do Sul, ou atravessando o mesmo rio de canoa a remo, chegando à Demétrio Ribeiro, vila pertencente à Barra do Piraí. Por conta das redes entre as mulheres e a criação coletiva entre seus filhos, o casamento entre primos se tornou comum principalmente nas primeiras gerações criadas em Sant'Anna. Com o avanço da linha férrea Pedro II pela região, muitos parentes foram arrumando empregos e se espalhando entre Afonso Arinos, Barra Mansa, Barra do Piraí, Mendes, Valença e até mesmo Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. Porém, parte da família continuou em Sant'Anna e todos se encontravam durante as festas da Santa Ana, no dia 26 de Julho, que acontecia na capelinha da fazenda. Ouvi essas histórias principalmente de mulheres, primeiro de minha bisavó quando eu ainda era criança, Dona Anna - Anita. Durante minha pesquisa vieram muitas outras ‘Annas’, e entendi que eram tantas mulheres com o mesmo nome na mesma família não apenas por conta da santa, mas também pelo nome do território em que viviam. As narrativas eram sempre centradas em mulheres,

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

nas tias, tia-avós, avós, bisavós. As transmissões focadas nos gestos, olhares, nomes, segredos, fórmulas, receitas, e mediadas por histórias e lugares.

Diria que eles consideram membros dessa família àqueles indivíduos que herdaram características físicas, patologias, valores e comportamentos transmitidos à descendência oriunda da relação entre o barão – de origem europeia – e suas mulheres, de origem africana.

Um dos aspectos que pretendo analisar é a existência de muitos casamentos entre primos, e que é percebido como um dos fatores da reincidência de patologias físicas e mentais. Interessante é a percepção de que os casos frequentes de suicídio também são consequência dessas relações consanguíneas². A transmissão do patronímico ou mesmo do prenome, das semelhanças físicas e dos gestos produz um discurso no qual o indivíduo é parte e todo. Se “é” algo individual ao mesmo tempo em que se “continua a ser” parte da família pelas substâncias – o sangue ou os genes – que permanecem.

Meus interlocutores na cidade de Mendes, não fazem parte da elite local, mas se orgulham da história de seus avós que migraram de Sant’Anna para a cidade pelo trabalho na Estação de trem. Arthur foi chefe da Estação por quase 30 anos e se aposentou pela Ferrovia Pedro II. Foi homenageado com um nome de rua num bairro distante pelos seus serviços prestados à cidade. Adaury e suas filhas, genro e netos vivem na mesma casa em um dos bairros mais pobres e populosos da cidade: Humberto Antunes. Airton, sobrinho de Adaury também vive em uma pequena casa com sua esposa e duas filhas no mesmo bairro, uma casa construída ao lado da antiga residência de sua avó Anita: A “Cadavó.. Airton trabalha como agente do Detran, sua esposa é professora infantil, uma de suas filhas professora de ciências e a outra trabalha em Paracambi. As filhas de Adaury eram professoras de escolas públicas e particulares na cidade de Mendes, hoje já aposentadas. A centralidade do Barão enquanto o pai *primevo* é de certa forma contraditória, pois as famílias que visitei, a maior parte dos meus interlocutores eram mulheres e chefes da família, os homens eram coadjuvantes nas questões que envolviam decisões financeiras ou familiares, como organização e custeamento de casamentos, batizados e aniversários. Maria Sylvia Carvalho Franco observou que:

² Na psicanálise, a transmissão inconsciente poderia explicar o fato de os sujeitos considerarem que o suicídio também é hereditário, transmitido através das gerações pela linguagem, ou seja, pelas histórias de familiares suicidas relatadas aos descendentes. Jacques Lacan aborda a questão ao analisar os tempos do inconsciente, mas não cabe aqui desenvolver as teorias psicanalíticas.

Na camada livre e sem posses, a família não se organizou para a realização das funções sociais apontadas para os estratos dominantes. A inexistência de propriedade econômica relevante, a impossibilidade de participação no poder político, isto é, a marginalização em face da sociedade global, excluem evidentemente essa suposição. Se os amplos sistemas de parentesco tiveram por fundamento, no Brasil, a manutenção do poder, não há sequer plausibilidade em presumir a existência de formações análogas nos grupos socialmente dominados. Não obstante, a organização familiar nessas camadas inferiores inclui vários caracteres do tipo patriarcal, transferidos do modelo oferecido pelas camadas altas. (FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. p. 45, 1997).

Analisando os discursos de meus interlocutores, é possível acreditar nesse modelo patriarcal enquanto dominante e transferido pelas classes mais abastadas, até porque as origens nobres de um possível filho bastardo do Imperador influenciaram na visão de centralidade do pai original, mas nas práticas cotidianas as decisões são tomadas pelas mulheres ou pelos grupos de mulheres aparentadas.

Além dessa contradição entre o discurso patriarcal e as práticas atuais centradas nas mulheres, relação entre o pai fundador e seus descendentes é ambígua. O Barão de Juparanã além de ser o progenitor da família, fora o senhor da fazenda de café em que seus filhos e esposas eram mantidos como escravos. A ambiguidade está, portanto, no desequilíbrio entre as partes: o pai que é ao mesmo tempo o proprietário de seus filhos e esposas. Apenas no fim de sua vida, no ato final motivado pelo desejo de redenção de sua alma, é que esse pai liberta seus escravos e compartilha uma fazenda com aqueles que, somente nesse momento assume como seus filhos. Uma dívida insolúvel seria a motivação principal que fundamenta o discurso de que o Barão de Juparanã teria sido um “homem bom”, apesar dos abusos que cometeu: a violência fundadora da “família”. Talvez a assimetria dessa primeira relação esteja também relacionada com o interesse dos meus interlocutores em suas origens, tendo o pai fundador no topo dessa árvore genealógica.

Muitos anos antes de eu cogitar fazer esta pesquisa, Anny minha avó materna (trineta do Barão de Juparanã, professora, falecida aos 70 anos em 1999), se dedicava à redação de um caderno de anotações onde registrava as informações obtidas pesquisas em bibliotecas – referências em livros de história e em enciclopédias sobre a vida do Barão de Juparanã – e, o esboço de uma genealogia que, aparentemente, tinha origem em suas memórias. Em 2011, minha tia materna, Tânia me cedeu estas anotações. Este

meu interesse pela história do Barão de Juparanã e seus descendentes circulou e recebi outros documentos, principalmente, de minha mãe, Maria de Lourdes: um esboço da genealogia já digitado em computador, elaborado por seu tio Amaury, a cópia do livreto endereçado a ela e um pedido para que completasse a “árvore genealógica”. O livreto fora elaborado em comemoração ao centenário da Igreja Nossa Senhora do Patrocínio (1881 – 1981), obra idealizada pelo Barão de Juparanã, porém inaugurada cinco anos após a sua morte.

Esse primeiro contato com as anotações dos parentes e este livreto, me instigaram a ir mais a fundo. Assim, viajei até a cidade de Mendes onde vivia uma parte da família, e posteriormente até Barão de Juparanã, para encontrar essas pessoas e suas histórias. Nestas visitas, levando apenas uma câmera fotográfica e bloco de notas, percebi o amplo interesse na genealogia, já que muitos haviam iniciado um trabalho parecido com o de minha avó e de seu irmão Amaury. Observei que eles se interessavam bastante pelo passado da família e que não era um simples interesse sobre a sua origem burguesa, mas principalmente, uma busca pelas raízes de suas patologias: doenças físicas e mentais, e o suicídio. Eis o que diz Cláudia Valéria sobre a influência das relações incestuosas em sua família:

Influenciou negativamente, para falar a verdade, saiu um bando de louco, cada um tem os seus problemas neurológicos, e conforme vão passando os anos, as novas gerações vêm com os mesmos problemas. Os filhos do vô Arthur e da vô Anita são os que mais têm, dos primos, bisnetos e tataranetos, alguns pegaram o problema da genética desse sangue que, pelo que eu ouvia, não houve a oxigenação... Então, o sangue era o mesmo, não havia renovação. Daí saiu o problema físico que era o tal do dedinho [o dedo mindinho torto na mão esquerda dos descendentes], e os problemas neurológicos... cada um tinha o seu problema neurológico. O câncer também está associado com isso, com certeza. Com certeza não porque eu não sou médica, mas, a meu ver, o câncer vem da família também. Tanto o câncer quanto o suicídio.

Cláudia e Osmar, um de seus primos, relacionam os incestos tanto aos problemas psiquiátricos e físicos, quanto aos suicídios cometidos pelos seus parentes. Ambos possuíam grande interesse na genealogia, pois a partir dela poderiam resgatar a história de ancestrais que não chegaram a conhecer e se aproximar dos problemas que viveram em sua época. Ao observar a relação destes com a genealogia e as histórias de

família pude perceber uma espécie de potência curativa, pois conhecer os problemas de seus antepassados seria o primeiro passo para resolver seus próprios problemas.

Analiso a genealogia enquanto um artefato nativo sempre em vias de ser objetificado, porém móvel e incompleto. Sigo o interesse de meus interlocutores nas transmissões inconscientes. A primeira delas seria a violência cometida pelo barão ao se amasiar com suas cinco mulheres escravizadas, e que se reproduziria com o imigrante italiano Brás Giffoni que manteve relacionamentos com três filhas Barão de Juparanã: as meia-irmãs Braseliza, Florenciana e Deoclídes. A segunda, são os frequentes casamentos entre primos, que são vistos como fonte de todas as outras transmissões pelos meus interlocutores. Minha atenção recai sobre as transmissões das patologias e suicídios, e este último fecha o ciclo que inicia com a primeira violência e termina com o ato final da violação da própria vida. Finalmente chego ao que nomeia esse artigo, de as transmissões de nomes, aparências e gestos, que fazem emergir a forma como meus interlocutores se enxergam e enxergam o mundo.

Parentesco e transmissões

Penso na história familiar, memória e transmissões, a partir da maneira como meus interlocutores fazem uso da genealogia. O próprio quadro genealógico é um artefato transmitido aos meus interlocutores por seus parentes. Tudo indica que eles estão interessados no que os substancializa enquanto seres, pois ao se debruçarem nas memórias do passado para identificar certas características hereditárias, eles reforçam a descendência e reatualizam o presente. Assim, a genealogia é uma forma de se recordar de seus antepassados e de suas histórias. A história da família, constituída por meio das memórias individuais permite reconhecer o que foi transmitido através das gerações, e nem todas as heranças são percebidas como positivas, mas como patologia herdadas, que resultam em doenças e mortes. Ao pensarem em suas genealogias, as memórias passam pelos compartilhamentos materiais e imateriais como afetos, bens e artefatos. Porém, o que mais se interessam seria o compartilhamento de substâncias como o sangue enquanto agente transmissor de doenças que remetem a uma espécie de maldição genética que os identificam por aquilo o que possuem de mais obscuro. Lotte Meinert e Lone Grøn (2020) nomeiam essas transmissões intergeracionais de “conexões de contágio”, onde evocam um conceito pré-biomédico onde contágio possui uma conotação mágica e social ampla ao qual uma doença pode ser transmitida com ou sem

proximidade física, ou seja, uma relação de parentesco possui continuidade mesmo se há um rompimento nas relações e, muitas vezes, essas conexões de contágio podem ser em forma de maldições ou assombrações (MEINERT; GRØN, 2020). Para Meinert e Whyte todas as famílias estão predispostas a relações de contágio e os infortúnios estão relacionados às teorias de contaminações (MEINERT; WHYTE, 2017). A investigação de Meinert e Grøn passa pelo que chamam de "Haunt-ontology" aproveitando que "hauntology" e "ontology" soam similares, olhando para problemas de assombrações, doenças e infortúnios que acontecem nas famílias de forma universal, sendo o polo negativo de teorias mais positivas que analisam as relações familiares enquanto herança e pertencimento e como esses dois lados - a nutrição e o envenenamento - se conectam e passam de geração a geração.

A maneira como o Barão arranjava os casamentos de suas filhas reflete uma mudança de pensamento na sociedade brasileira. A antropóloga Rafaela de Andrade Deiab (2005) analisou as fotografias de amas de leite de crianças brancas, de Militão Augusto de Azevedo, no período entre 1862 e 1885, no Estado de São Paulo. Em meados do século XIX as fotografias eram posadas e, no caso, das amas negras segurando as crianças brancas. Mas, nos anos 1880, elas são centradas nas crianças deixando aparecer apenas as mãos negras das amas. Por trás dessa mudança está a evolução dos equipamentos fotográficos e a diminuição do tempo de exposição. Mas não só. Segundo Deiab, as fotografias também refletem a perspectiva eugênica que ganha força nos discursos biomédicos, e o compartilhamento do leite influenciaria nas características físicas e psicológicas das crianças. A autora percebe o crescente número de anúncios em busca de mulheres brancas para o aleitamento de crianças brancas, o que revela a decadência do sistema escravista e a incorporação da mão de obra imigrante no mercado de amas de leite.

Nesse sentido, a série de fotografias de Militão de Azevedo deixa evidente o movimento de representação da escravidão: inicialmente (de 1860 até cerca de 1870), valorizadas e naturalizadas pela sociedade, as negras eram expostas junto aos bebês de seu senhor, representando até mesmo, pela sofisticação de sua aparência, o status da casa da qual era propriedade. Já no fim do período escravista, passa a não ser mais de "bom-tom", tampouco adequado, associar os filhos da elite branca a negras escravas. Isso porque, nesse momento, a escravidão passa a ser sinônimo de uma instituição retrógrada que não se encaixa nas novas ambições de um Brasil civilizado, moderno e branco. (DEIAB, 2005, p.31)

Os casamentos arranjados pelo Barão para suas filhas mulatas com homens brancos revelam um desejo de inclusão de sua família nesse “Brasil civilizado”. Diria que se trata de uma violência simbólica contra suas próprias filhas, mulatas por serem filhas de escravas. Esses pretendentes eram, muitas vezes, mais velhos e se casavam com meninas muito jovens, que ficavam viúvas prematuramente. Ao enviuvarem elas passavam a acumular as funções da administração de suas fazendas com a criação dos filhos, como aconteceu com Ana Floriano Monteiro, avó de Glória Monteiro, que se casou aos 14 anos e ficou viúva antes dos 30 anos. Ana teve dificuldades extremas, inclusive em manter seus filhos vivos. Muitos deles faleceram antes de completarem cinco anos.

Vida e morte estão sempre conectadas nas lembranças dos meus interlocutores. O interesse que estes possuem nas suas genealogias deixa claro que as relações entre os descendentes vivos e mortos são contínuas, sendo a história da família o resultado desse processo. A sequência de nascimentos e mortes, na compreensão dessas pessoas possui uma origem, mas não possui um ponto final. A genealogia não termina quando se chega ao “ego”, ela precisa ter continuidade. Percebo como é importante para eles se localizarem na genealogia, contudo, mais significativo seria mostrar que depois deles existem filhos e netos que darão sequência às suas histórias.

Vejamos o que conta Anna Leite (81 anos, trineta do Barão, professora)

Na parte do meu pai, que é primo da minha mãe, porque... Eu vou voltar atrás. As mulheres do Barão: Emília, Geralda, Manoela, Florenciana e Dora³. Essa Geralda é da parte do meu pai. Então tinha cinco filhos: Braseliza, Guilhermina, Deoclídes, Álvaro e Dario. Da Braseliza veio descendente: Enedina, Vicente, Ondina, Angelina (?) e Menotti. Dessa geração aí veio a Guilhermina. Guilhermina, os filhos dela são Algemiro, Cilóca, Sebastião, Anita e José. A Deoclídes é avó da Iedda. Menotti e Galileu. Aí vem aqui agora a parte do meu pai, que é: Jovelina, Clotilde, Fulgêncio, Alvinho, Emanuel e Dario. Agora a mãe do meu pai era a Clotilde. Meu pai José Leite da Silva e o resto você já sabe.

Letícia – Você sabe o nome do seu avô? O que casou com a Clotilde, o que deu o sobrenome Leite pra ele?

Anna – José Leite da Silva, também. Ele que criou o papai, mas o nome do meu avô, pai do meu pai era Manoel Leite da Silva. Mas eles morreram cedo,

³ Anna faz uma pequena confusão ao citar os nomes das cinco mulheres do Barão, a genealogia que possuía foi feita por sua mãe, Mônica, que utilizou como artifício apenas sua própria memória, por isso os dados são contraditórios. Faço uso principalmente dos dados compartilhados por Glória Monteiro, já que ela visitou muitos cartórios e igrejas para coleta de seus dados. Na genealogia de Mônica, lida por Anna vemos que ela se esqueceu Semiana, chamou Floriana de Florenciana que foi sua filha e casou com Brás Giffoni. E Dora que, de fato, é o segundo nome de Emília Dorotheia. Já Geralda teve três filhos: Guilhermina, Álvaro e Deoclídes, que casou com Brás Giffoni. Braseliza, filha de Semiana, também casou com Brás e tiveram quatro filhos: Vicente, Ondina, Menotti e Enedina.

o pai e a mãe, e foi criado por um tio, José Leite da Silva e Guilhermina Leite.

Anna relata que seus pais eram primos. Sua mãe Mônica era bisneta de Floriana Paulina, uma das mulheres o Barão de Juparanã. Sua avó Florência era filha de Rosina e Belchior. E seu pai José Leite, cujos pais morreram muito cedo, foi criado pelo tio de quem recebeu o mesmo nome, falecido no ano de 1968, no mesmo dia em que seu primo Álvaro Monteiro. Ambos estavam em uma disputa de terras e foram assassinados – José pela esposa de Álvaro, Isaura, que segundo meus interlocutores, foi a primeira a atirar. E Álvaro, assassinado por Mônica, mulher de José, que foi inocentada pelo filho, quando este assumiu a autoria dos tiros. O primo de Glória, José Célio Monteiro, quando perguntado sobre qualquer assunto relativo à família, desconversa e diz que não gosta de história. Mesmo argumento que Anna Leite utiliza para se esquivar de minhas perguntas mais delicadas.

É interessante pensar na questão de honra enquanto relativo ao poder, mas como bem analisou Cláudia Fonseca (2000), ela não pode ser reduzida apenas ao aspecto econômico e aqui acrescento que, no caso que estudo, ela não pode ser reduzida ao gênero masculino. Por mais que fossem dois primos homens envolvidos em uma questão relacionada às terras, as armas foram disparadas por suas mulheres - Anna que matou Álvaro Monteiro e Isaura que matou José Leite. Isaura foi morta por um assassino contratado pela família Leite. O barqueiro que atravessou o assassino para Sant'Anna apanhou dos Monteiro até quase falecer. Ivo contou que muitas mortes se seguiram à de Isaura, mas não soube entrar em detalhes já que era criança na época.

Costa Pinto (1949) considera a vingança privada como uma ferramenta de controle em sociedades onde a autoridade pública ainda não está sedimentada. Este papel poderia ser atribuído ao chefe de família que exercia esta autoridade suprafamiliar. Ele analisa a questão da vingança nos sertões como manifestação da solidariedade, da honra familiar, remontando a fonte dessa prática à Europa – mesmo que o continente estivesse vivendo outro estágio jurídico naquele momento –, por isso, pensa a vingança enquanto uma “sobrevivência”, consequência do “familismo”, parte importante da administração pública no Brasil, prática observada ainda hoje em algumas regiões brasileiras. (COSTA PINTO, 1949, p. 50). Se analisarmos sob a perspectiva de Costa Pinto, os chefes de família seriam as mulheres. Elas que deram continuidade às vinganças que se sucederam às mortes de seus esposos, além de serem elas mesmas as assassinas.

Em Barão de Juparanã, essa solidariedade familiar se expressa mais claramente nas famílias dos Monteiro e dos Leite. Ana Cláudia Marques (2002) em sua etnografia sobre *questões* no sertão pernambucano – termo nativo que remete às intrigas e assassinatos em séries entre as famílias de diversas cidades – percebe que as vinganças acontecem mesmo envolvendo parentes muito próximos como irmãos, primos e cunhados. O que diz sobre “proximidade” e “distância”:

A *questão* é ela mesma um mecanismo de introdução de distância e por conseguinte de definição de grupos em relação a outros de quem é próximo ou mesmo ao qual pertencia. Um fenômeno que supõe proximidade entre os inimigos para que ocorra, mas é também o signo e o instrumento de um distanciamento entre eles. Se um acordo territorial sugere que a distância espacial e social é a condição para a trégua, é porque a proximidade é a condição do conflito. Os motivos das *questões* são basicamente banais – o que não significa que sejam pouco graves, quase todos dizendo respeito a transgressões de limites, de sociabilidade e de propriedades: os atentados contra a propriedade, contra a vida e ainda contra a moral, que está sempre envolvida nos dois primeiros. Todos eles sugerem uma aproximação física e social entre rivais. Errar na posição da cerca, permitir que animais estraguem a roça ou causem danos à criação, roubar pertences, denunciar o desafeto à polícia como forma de trazer-lhe transtorno, insultá-lo ou desafiná-lo publicamente, atacar fisicamente um rival ou alguém que lhe seja próximo, denegrir sua reputação constituem, na totalidade, coisas que se passaram e costuma passar entre próximos, entre vizinhos que compartilhem um espaço social. Vizinhos que são frequentemente parentes ou com os quais se estabelecem laços sob o modelo do parentesco, via casamento ou compadrio. Vizinhos com quem o parentesco é desejável para que o vínculo mitigue os conflitos de interesses que a proximidade sempre traz consigo. Mas nem sempre é o que acontece (...). (MARQUES, 2002, p.162-163)

Marques (2002) entende as questões entre parentes não como uma contradição, mas como um limite que não deve ser atingido e que promove fatalmente uma cisão. No caso dos primos Álvaro Monteiro e José Leite, assassinados em uma disputa da cerca no ano de 1968, as vinganças entre as famílias perduraram por algum tempo, conforme relato de Ivo. Para esta autora, a *questão* entre parentes é um mecanismo que impede a diferenciação entre os grupos assim como alimenta sua coesão (2002, p. 164). Ou seja, ao mesmo tempo em que atualiza os laços de parentesco, ela pode gerar outros que não são reconhecidos como parentes, e excluídos da rede de solidariedade. No caso entre os Monteiro e os Leite não foi exatamente isso o que aconteceu, já que Anna Leite e Glória Monteiro, filha e sobrinha dos dois primos assassinados, são amigas. Glória diz não guardar rancor e culpabiliza Isaura pela confusão entre os primos. Isaura era parente por aliança – via casamento sem laços consanguíneos.

Patologias

A maioria dos meus interlocutores atribui as patologias de seus familiares, ou deles mesmos, à transmissão genética. Não pretendo questionar se, de fato, as patologias que relatam são hereditárias e transmitidas pela consanguinidade e, tampouco, analisar seu caráter biológico. O que interessa é entender as razões pelas quais eles assim concebem a herança de seus problemas de saúde física e mental. Ou seja, pretendo entender a forma como essas pessoas estão lidando com seus problemas, apoiando-se na história familiar para identificar traços e possíveis origens de seus males.

Bertha era mãe de Anna Mafra, esposa de Arthur. Suicidou-se por autoimolação conforme relatou seu neto Ivo (militar reformado, 65 anos). Segundo ele, ao descobrir que seu marido, Mário, era também seu sobrinho, Bertha subiu o morro próximo da sua casa, jogou querosene no corpo e acendeu o fósforo. Diz Ivo que os parentes viram uma bola de fogo rolando morro abaixo. Bertha foi resgatada ainda com vida e amamentou sua filha Laudelina já moribunda. Ninguém sabe dizer como ela só foi descobrir este parentesco depois de ter quatro filhos com seu marido-sobrinho. Outra versão desta história foi contada por Glória Monteiro: Bertha teria tentado suicídio devido à violência que sofria por parte do marido. Talvez a violência doméstica seja parte do que Duarte e Gomes (2008) tratam como “fluxos de segredos” ou de “não-ditos”, e são tão palpáveis quanto os fluxos de compartilhamento (p.43). Por Bertha ser bisavó de Ivo, talvez a versão do suicídio causado pelo casamento com o próprio sobrinho seja uma maneira de preservar a memória de seus antepassados. A versão de Glória, sobrinha-neta de Bertha já trata da violência doméstica de forma mais aberta e contesta a versão “da família” (em suas palavras).

Uma macabra coincidência foi o pai de Arthur ter morrido por fogo, mas em circunstâncias que não são percebidas pelos parentes como um suicídio. Glória diz ter ouvido essa história de seu tio, Antonio Marques, que estava presente no dia do falecimento de Felipe Alves Baptista, então esposo de Florenciana e pai de Arthur: o casal descansava com os filhos nas margens do Rio Paraíba, nas proximidades de Sant’Anna, quando avistou três mulheres vestidas de preto caminhando sobre as águas. Assustado, Felipe pediu para Florenciana correr com as crianças e se trancar em casa. Florenciana chegou à sede da fazenda e pediu ajuda para seus parentes, que se dirigiram

ao local onde Felipe se encontrava. Ao chegarem, ele já estava morto, carbonizado. Tragicamente, seu filho Arthur também cometeu suicídio por autoimolação em 1968, aos 65 anos.

Cláudia Valéria (professora aposentada, 60 anos, trineta do Barão), filha de Aداury, diz como ela percebe a influência dos casamentos entre primos naquilo que ela identifica como “problemas de família”:

É muito complicado... Eu acho que é de sangue, por que? Meu pai deu uma pulada de janela, e nessa pulada de janela ele teve uma filha, eu tenho contato com ela até hoje. A gente se dá muito bem, e sempre ficou no ar. (...) Essa filha teve uma filha e foi uma criança que não cresceu com os Marques dos Santos. Essa menina quando fez 18 anos se suicidou. Ela tinha o sangue Marques dos Santos, então, no fundo no fundo, tem esse problema. Tem essa menina, tem a tia Cici, tem o vovô... Dizem, não tenho certeza, que também, antes, um parente do vovô. Dizem que a mãe da vó Anita também se suicidou porque descobriu que tinha casado com um sobrinho. Tudo isso são coisas que a gente ouve, não tenho certeza se aconteceu ou não. Mas eu nem sabia da mãe da vó Anita, fiquei sabendo da história há pouco tempo quando você começou a fazer a genealogia da família e eu me interessei, porque eu gosto desse negócio de família. Tanto que quando descobrimos que tínhamos uma irmã, eu corri atrás para saber quem era.

De uma maneira geral, esse é um relato que se repete em formas e exemplos diferentes, mas, sempre reflete a preocupação com a repetição dos casamentos consanguíneos – o “mal” se mantém presente na família, geração após geração –, e a manifestação de doenças físicas e psicológicas como o ocorrido com os filhos de Arthur e Anna Mafra. Mas o que é o “sangue”? Na dissertação do mestrado (CAMARGO, 2015) analisei as diferentes perspectivas do que seria o sangue, a transmissão por consanguinidade. Para alguns dos meus interlocutores, dependendo do contexto, o sangue teria características que se manifestariam por comportamentos diferentes. Sobre este ponto, Janet Carsten afirma que:

In this respect, blood could be viewed as an object that is in fact always incompletely objectified. Its subjective qualities, deriving from multiple symbolic, relational, moral, and practical spheres, are not only impossible to shed but have important implications for different forms of relationality including those of scientific and medical practice. (CARSTEN, 2013, p.282)

Carsten está particularmente preocupada em como e de que modo o parentesco, a religião e as políticas influenciam as práticas dos cientistas e dos profissionais de saúde. Ou ainda, como as relações de parentesco e as histórias das doenças de família

refletem no trabalho científico quando o tema é a consanguinidade. Minha questão seria muito similar, porém indo na direção oposta: como os discursos científicos são apropriados pelas pessoas quando se trata de doenças de família? Neste sentido, tendo a concordar com Carsten: por mais que o sangue faça parte do vocabulário do parentesco, da política e dos assuntos biomédicos, seu conceito não é facilmente apreendido, pois depende da forma como ele é compreendido em cada contexto. No caso de meus interlocutores o sangue é uma substância compartilhada que produz efeitos nocivos. O casamento entre primos é a explicação de senso comum recorrente.

Observemos o exemplo que Cláudia Valéria oferece sobre sua família. Seus avós, Arthur e Anna, eram primos em segundo grau, foram criados juntos, casaram e tiveram doze filhos – dos quais apenas seu pai, Adaury, ainda vive. Muitos filhos e netos do casal faleceram de câncer e, segundo ela, a explicação é a de que “o sangue não oxigenava”, “não renovava”. A maior preocupação, porém, é com a loucura que justificaria os casos de suicídios repetitivos: o pai de Arthur, a mãe de Anna Mafra, o próprio Arthur, sua filha Anacy (Cici) e, ainda, uma bisneta de Arthur e Anna, sobrinha de Cláudia, que se matou ainda muito jovem. Ela acredita que esta é a prova de que o sangue possui um peso maior nas relações familiares não importando muito se há convívio entre os parentes, já que sua sobrinha se matou sem conhecer a família do avô biológico Adaury. Em outro momento, Cláudia volta a comentar com Osmar sobre este caso de sua sobrinha:

Claudia – Mas para você ver como isso está no sangue, é caso da Verena. Era uma pessoa que não tinha contato com a família Marques dos Santos mas, no entanto, o sangue falou mais alto.

Osmar – O sangue falou mais alto. Tinha esquecido da Verena. É são três casos na família da vó Anita. Da tia Cidinha, dois ou três lá se suicidaram! O Olivier, e eu não lembro o nome dos outros. Eu guardo o Olivier, porque a mamãe se dava demais com o Olivier. E ela falava muito dele.

Apesar do tema delicado, meus interlocutores discorrem sem constrangimentos sobre a transmissão das doenças mais acometidas (câncer, doenças mentais e incluem o suicídio) nas suas famílias, quem seriam seus transmissores e os receptores. Mesmo que a explicação para todas as patologias seja, para eles, consequência dos casamentos entre primos, as novas gerações reproduzem os relacionamentos conjugais intrafamiliares, sem restrições, tabus ou proibição moral.

Por mais que as explicações nativas girem em torno das relações consanguíneas, é importante frisar a alta complexidade dos modelos populares de saúde e doença (ROPA E DUARTE, 1985). Cláudia Fonseca (2000) ao analisar a dificuldade dos moradores da comunidade Cachorro Sentado, em conseguir empregos formais em Porto Alegre, percebeu que as rejeições ocorriam principalmente nos testes psicotécnicos, e cita uma publicação de um jornal local onde um psicólogo especialista no setor industrial relacionava enquanto incapazes de assumir o trabalho pessoas que tivessem “problemas” como: alcoolismo, pais separados, abandono pelo marido ou pela esposa, condições de higiene insuficientes, residência sem mínimas condições”. (FONSECA, 2000, p.23). As pistas oferecidas pela antropóloga nos levam a pensar a “loucura” pelo recorte de classe. O alcoolismo e a violência doméstica foram assuntos pouco falados abertamente, e não eram dados como as causas para os casos de loucura e de suicídio porém, para alguns parentes, eles não podem ser descartados enquanto um problema da família.

Nomes, aparências e gestos

Nomear é um ato que revela o modo de pensar em contextos particulares. Os nomes criam a noção de pessoa (BODENHORN e VOM BRUCK, 2006) e realçam o caráter processual da relacionalidade (CARSTEN, 2000). Há um peso ontológico relativo nas nomeações de crianças, revelando as redes específicas de continuidade a partir dos sobrenomes que são passados em detrimento de outros que se perdem, tendo o poder de conectar ou desconectar determinadas socialidades (PINA-CABRAL, 2010). Além disso, existe uma historicidade nos atos de nomeação, pois se articulam a relações sociais situadas no tempo de forma complexa (ITEANU, 2006), sendo capaz de prolongar-se além da memória individual. João de Pina-Cabral (2013) chama a atenção para o fato de que muitas das vezes não existe um começo claro no processo de nomeação, já que há uma percepção de que as pessoas estão conectadas com aquelas que a precederam e com suas particularidades. Seriam, como o autor chama, de “identidades continuadas” (PINA-CABRAL, 2013, p.76), ou seja, negociações afetivas que são sempre atualizadas e revalidadas. Cláudia Rezende (2015) percebe que essas negociações com o passado sofrem influência tanto dos pesos ontológicos das relações em que estão inseridas, como também dos projetos que possuem para o futuro (REZENDE, 2015, p.592).

O Barão de Juparanã batizou todos os seus filhos, fruto das suas relações com as cinco mulheres escravizadas, atribuindo-lhes o seu sobrenome Nogueira. Diria que não se trata de honraria posto que esta era uma prática escravagista: os senhores registravam seus escravos com seu sobrenome⁴. Neste item, tratarei das transmissões de nomes, já os nomes próprios são usualmente considerados como instâncias de individualização e os sobrenomes como formas de inserção do indivíduo em uma rede de relações sociais (FINCH, 2008). Qual a percepção do indivíduo quando lhe é atribuído o nome de um ascendente, por vezes já morto?

O caso do Manoel Jacintho, o Marquês de Baependi e de seu filho Manoel Jacintho, o Barão de Juparanã, seria algo bastante comum entre a aristocracia européia. A novidade aqui é Manoela Agostina, escrava que levava o nome de seu senhor, provavelmente o primeiro Manoel Jacintho. Manoela foi uma das cinco mulheres do barão e, no ano de 1853, deu à luz ao terceiro Manoel Jacintho Nogueira. Oito anos depois nascia Manoelita, sua quinta e última filha. Este seria o único caso de transferência do nome do barão para seus filhos e, talvez, porque sua mulher Manoela também herdara o patronímico da família nobre. Interessante observar que o matronímico – nome da mãe ou de uma ancestral – é mais recorrente que a transmissão do nome do pai ou ancestral masculino.

Floriana Paulina foi a mulher que teve mais filhos com o Barão (10): Florida nasceu em 1852 e Florenciana em 1863. Rosina, que foi a primeira filha de Floriana Paulina deu à luz a Florência Rosário e a Anna Floriana. Os nomes não são exatamente os mesmos, mas são variações em torno do nome de origem, o que faz a genealogia parecer um verdadeiro jardim de flores. Anna Leite (81 anos, trineta do Barão) me explicou o motivo de ter tantas Anna na família: a fazenda onde moravam se chamava Fazenda de Sant’Anna, e lá havia uma capela da santa a qual todos eram devotos. Rosina deu um nome composto à sua filha: o nome da santa e o nome de sua mãe: Anna Floriana.

Das filhas de Rosina, Bertha deu à sua primeira filha o nome de Anna, reproduzindo o que fizera sua mãe. Anna (filha de Bertha) nomeou todos os seus filhos com inicial “A” e final “Y”: Anny, Aloy, Amaury, Adaury, Annely, Aurely, Aury, Annaly, Anthony, Annacy e Alcy. E sua primeira filha, que morreu ainda bebê, se chamava Alfredina em homenagem a Alfredo Giffoni, seu tio (irmão de Arthur e casado

⁴ Ver a respeito SILVA 2011, FLORENTINO 1997, FRANCISCO 2007.

com Jacintha). Alfredo também era o nome de um dos irmãos de Rosina, e Florenciana o homenageou dando este nome a seu filho. Amaury (filho de Anna) homenageou o seu pai registrando o seu primogênito de Arthur, e à sua última filha deu o nome de sua mãe Anna, no caso Anna Luiza. Annely também chamou seu primeiro filho de Arthur. Tem também a ‘Anna de Annaly’ que é a Anna Maria e a ‘Anna de Annacy’ - Anna Paula. Do lado de Florência Rosário sua neta, filha de Mônica e José Leite, também se chama Anna Leite.

Semiana Florentina foi a única das cinco mulheres do Barão que não transmitiu seu nome para nenhuma de suas filhas. Emília Dorotheia nomeou a filha de Emiliana e Geralda deu seu nome a sua filha Deoclides Geralda, que foi a última filha do Barão, nascida alguns meses após sua morte.

É interessante notar o que está imbricado nas transmissões de patronímico ou matronímico: homenagem, reconhecimento, retribuição, honra, mas também, por razões políticas, religiosas deveres sociais e até mesmo espaços físicos influenciaram na decisão dos nomes dos descendentes do barão de Juparanã. Há uma forte ideia de continuidade não apenas através dos nomes, mas também, de características físicas, gestos, olhares, como elementos de hereditariedade, transmitidos geneticamente.

O rosto, segundo Gilles Deleuze ([1968] 1988), é aquilo que expressa o afeto. Quando rostos se repetem, que afetos despertam? O rosto está inserido no espaço e no tempo, mas quando esse rosto pertence também a outras pessoas, será ele capaz de se singularizar, de se identificar? Vejamos a conversa entre Osmar, Claudia, Otto e Anna Luiza:

Osmar – Tio Aduary é a cara do vô Mário, a vô sempre disse que é o pai dela. Mário Mafra. E tia Annely, era a cara da mãe dela, vô Bertha. Tia Anny sempre foi a cara do vô. E eu já pareço com o pai [Amaury], e o pai parecia com a vô Anita. Só que ela não usava esses óculos fortes que a gente usa.

Cláudia – Mas, é engraçado que todos têm o mesmo olhar, assim... É o Aloy, o Coruja (Aduary) também tem.

Osmar – Tem, é um jeito de olhar franzino assim.

Otto – Agora que meu avô (Aduary) está ficando mais velho, está ficando mais evidente.

Osmar – É, eles olham igual a vô, assim. (imita o olhar). E eu achei engraçado. Eu vi em Barra semana passada, Cristina da tia Annely curvada, andando com a mão para atrás igual a vô. Ela não estava forçando situação, ela estava andando curvada igual a vô andava curvada com a mão para atrás. A vô andava assim, o pai andava assim...

Anna Luiza – Genética...

Osmar – É, a gente não pode fugir dela.

Quando não apenas as aparências, mas também os gestos e os olhares são identificados como heranças genéticas, percebemos que estas pessoas estão conectadas de forma complexa nessa rede de parentesco. Há implicitamente uma maneira como meus interlocutores lidam com seus corpos espelhados – é o “um” ao mesmo tempo em que é o “todo”. Para eles, heranças culturais como gestos, olhares e performances são vistas como transmissões de substâncias invisíveis como sangue e genes. Creio ser relevante a forma como eles borram a fronteira entre o que é da ordem natural e da ordem das leis, como David Schneider (1980) prefere, ou nas palavras de Carsten (2004) entre a “substância” e o “código” ou ainda “natureza” e “cultura” muitas vezes apoiados no discurso biomédico como Osmar contou. Sua psiquiatra disse que sua depressão era de origem genética ou como Cláudia quando diz que o sangue precisava oxigenar, o que não aconteceu devido aos casamentos entre os primos e, por isso, saiu um “bando de loucos”. O parentesco fornece uma imagem desse lugar entre o biológico e o social, segundo Strathern (1992) e isso independe se se trata de uma sociedade ocidental ou não ocidental. Os antropólogos contemporâneos que estudam o parentesco se dividiram entre aqueles que se aproximam de uma antropologia da ciência, realizando pesquisas em laboratórios de estudos genéticos ou de reprodução artificial, geralmente em sociedades ocidentais, e aqueles que fazem estudos de parentescos clássicos, em geral, em sociedades não ocidentais (CARSTEN, 2004, p.23), dando continuidade à dicotomia entre natureza e cultura, que toma a forma de ocidente x não-ocidente. O mesmo ocorre quando estes se dividem entre estudos de “família” ou de “parentesco”, o que remete ao estudo em sociedades modernas ou pré-modernas – o que está mais próximo de mim eu chamo de família, quando se trata do “outro”, chamo de parentesco. O meu trabalho traz justamente uma perspectiva *in between*, um entre mundos, já que a maldição da família que tende a transmitir os infortúnios e doenças, ganha respaldo na apropriação do vocabulário biomédico a qual essas pessoas possuem acesso.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail, and **WAYNE C. Booth**. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Edited by Caryl Emerson, University of Minnesota Press, 1984.

- BANDAK**, Andreas. Repetition and Uncanny Temporalities: Armenians and the recurrence of genocide in the Levant. In: *History and Anthropology*. 2019. 30:2, 190-211
- BASTIDE**, Roger. Le Principe d'Individuation (contribution à une philosophie africaine). In: *La notion de personne en Afrique Noire, Colloque International do Centre National de la Rechercher Scientifique*. Paris: Éditions du Centre National de la Rechercher Scientifique. 1973. 544, 33-43
- BODENHORN**, Barbara. He Used to be my relative: Exploring the bases of relatedness among Iñupiat of Northern Alaska. In: J. Carsten (org.). *Cultures of Relatedness: New approaches to the study of kinship*. Cambridge: Univesity Press. 2000. 128-48
- BODENHORN**, Barbara & **BRUCK**, Gabrielle Vom. Entagled in histories: An introduction to the anthropology of names and naming. In: _____. (orgs.) *The Anthropology of names and naming*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006, pp. 1-30
- CAMARGO**, Letícia Marques. *A Cidade dos Primos*. Uma Etnografia da História no Distrito de Barão de Juparanã, Valença/RJ. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Acadêmico em Antropologia). Universidade Federal Fluminense. 2015
- CARSTEN**, Janet. Introduction: Cultures of Relatedness. In: J. Carsten (org.). *Cultures of relatedness*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000, pp. 1-37
- _____. *After Kinship*. Cambridge: Univesity Press. 2004
- COLEMAN**, Simon. From Excess to Encompassment: Repetition, recantation, and the trashing of time in Swedish Christianities. In: *History and Athropology*. 2019. 30:2, 170-189
- COSTA PINTO**. *Lutas de famílias no Brasil* (Introdução ao seu estudo). São Paulo: Companhia Editora Nacional (Coleção Brasileira), 1949.
- DEIAB**, Rafaela de Andrade. A memória afetiva da escravidão. In *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 1, n. 4, p. 36-40, 2005
- DELEUZE**, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal. 1988
- _____. *A imagem-tempo: cinema II*. São Paulo: Brasiliense 1990
- DUARTE**, Luiz Fernando; **GOMES**, Edlaine C. *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008, 316 p.
- FIRTH**, Raymond. Nós, os Tikopias. Um estudo sociológico do parentesco na Polinésia primitiva. São Paulo: Edusp. 1998
- FONSECA**, Claudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: ed. UFRGS, 2000, 245 p.

- FRANCO**, Maria S. C. *Homens livres na ordem escravocrata* São Paulo: Unesp. 1997
- ITEANU**, André. Why the Dead do not Bear Names: The Orokaiva name system. In: G. Bruck & Bodenhorn (orgs.). *The Anthropology of Names and Naming*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006 pp. 51-72
- KIERKEGAARD**, Soren. Søren. *Kierkegaard's Writings, VI, Volume 6: Fear and Trembling/Repetition*. Edited by Howard V. Hong and Edna H. Hong, Princeton University Press, 1983.
- LÉVI-STRAUSS**, Claude. *Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Ed. Vozes. 2012
- MARQUES**, Ana Claudia Rocha. *Intrigas e questões. Vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, 353p.
- MEINERT**, Lotte & **GRØN**, Lone. *Contagious Kinship Connections*. Londres: Routledge, 2020.
- MEINERT**, Lotte & **WHYTE**, Susan. "These Things Continue": Violence as Contamination in Everyday Life After War in Northern Uganda. *Ethos*, v. 45, n. 2, p. 165-181, 2017.
- PEDERSEN**, Morten Axel. Anthropology of/as Repetition. In: *History and Anthropology*. 2019. 30:2, 226-232
- PINA CABRAL**, João de. The truth of personal names. *Journal of the Royal Anthropological Institute*. 2010 16: 297-312
- _____. *Gente Livre. Consideração e Pessoa no Baixo Sul da Bahia*. São Paulo: Terceiro Nome, pp.159. 2013.
- RADCLIFFE-BROWN**, Alfred. O Estudo dos Sistemas de Parentesco. In *Estrutura e função nas sociedades primitivas*. Lisboa: Edições 70, p. 70-132, [1940] 1970.
- REZENDE**, Claudia Barcellos. Nomes que (Des)Conectnam: Gravidez e parentesco no Rio de Janeiro. *Revista Mana*. 2015 21(3): 587-607
- RIVERS**, Wiliam Halse. O Método Genealógico na Pesquisa Antropológica. In: *A Antropologia de Rivers*. Org. Roberto Cardoso de Oliveira. Campinas: Ed. Unicamp. 1991.
- ROPA**, Daniela; **DUARTE**, Luiz F. D. Considerações teóricas sobre a questão do atendimento psicológico às classes trabalhadoras. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Cultura da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, p. 178-201. 1985
- SAHLINS**, Marshall. What Kinship is (part one). *Journal of Royal Anthropological Institute* (N.S.) 17, 2-19. 2011

_____. *Ilhas de História*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1990

_____. *Metáforas Históricas e Realidades Míticas: Estrutura nos primórdios do reino das ilhas Sandwich*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2008

SCHNEIDER, David M. *American Kinship: A cultural Account*. Englewood Cliffs. N,J: Prentice-Hall. 1968

STRATHERN, Marilyn. *Artefacts of history: events and the interpretation of images. Culture and History in the Pacific*. pp. 25-44. 1990

_____. *The Gender of the Gift: Problems with women and problems with society in Melanesia..* Berkeley: University of California Press. 1988

VILAÇA, Aparecida. *Chronically Unstable Bodies: Reflections on Amazonian corporalities*. In: *Journal of the Royal Anthropological Institute* 2005 (N.S.) 11, 445-64

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *The gift and the given: Three nano-essays on kinship and magic*. In: S. Banford & J. Leach (orgs). *Kinship and beyond: the genealogical model reconsidered*. New York: Berghahn. 2009